



◌ (RE)NASCER DE “◌ CÉU É APENAS UM DISFARCE AZUL DO INFERN◌”



HUGO CALHIM CRISTÓVÃO

◌ texto “Renascença (O espírito da nossa raça)”, de Teixeira de Pascoaes, central no movimento da Renascença Portuguesa (ou Lusitana, para Pascoaes) foi o primeiro de que partimos para a criação. Ainda antes do poema de onde se retira a citação “O Céu é apenas um disfarce Azul do Inferno”. Insere-se no espectro geral de reações ao Positivismo (de Comte) que acabou por determinar o modo de funcionamento (ou o substrato ideológico) da Primeira República. Apesar de outras dimensões em jogo mais prosaicas do que as simplesmente ideológicas ou filosóficas (as condições concretas do país na altura em causa), facto é que a tentativa de importação direta e muitas vezes não crítica de um programa filosófico-científico positivista, sistemático e totalizante, com matizes já na altura bastante pouco consensuais, resultou não em sucesso mas em fracasso. Uma primeira razão conseguimos descortiná-la, com algum cuidado e imaginação, no texto.

Esse programa iria contra o que é dito ser o vivido “dia a dia, hora a hora, no instinto emotivo de um Povo”. Um vivido que não resultaria de “artifícios”, e que não será trazido à tona por “artifícios” (de artes, ou de ciências, é expresso no texto). Um vivido que não se sujeita a programas e reformulações extemporâneas impostas por decreto do exterior, mas que apenas se poderia reconhecer, aceitar, e propiciar. E reconhecendo-o, perceber o que essa instanciação de um vivido singular deseja anunciar, “madrugada”, “alma latente”, “manhã de nevoeiro”, “primavera perpétua”, “casamento”, “síntese íntima”, “ponto onde tudo se cruza”, “beijo com a lágrima”, “amor carnal espiritualizado pela dor”, “Vénus e a Virgem numa só mulher” e, finalmente, “Eterna Renascença”. Procuramos assim, com esta criação, instanciar um vivido singular que se manifestasse dia a dia, hora a hora, segundo a segundo.

Analisando o texto, o que salta ainda à vista no imediato da sua leitura é a grande dificuldade em o categorizar como programático para uma qualquer ação política direta. Ou performativa, no nosso caso. Fala-se, no conteúdo, de Saudade, de Espírito, de Alma, de Beleza, de Génio. Na forma o que se encontra é uma expressão poética de pendor assumidamente místico e profético que termina a fazer brotar da Terra/locus mítico de Portugal uma Santidade exclusivamente sua mas potencialmente universal. Digo da Terra/locus, porque, segundo o que é dito, os “desertos trovejantes” criaram Jeová na Palestina, os “viçosos, harmoniosos vales gregos” criaram Orfeu e Apolo. De Portugal, não geograficamente particularizada no texto, é um dado relevante, ter-se-ia gerado a Saudade. A ilustração literal ficou assim fora de questão.

Percebe-se rapidamente que a Saudade não é no texto concretamente figurada. Não há imagens figurativas diretas daquilo que representa, (como Orfeu, Apolo, Jeová), ou daquilo que com ela se quer traduzir e manifestar. Não existem imagens referenciais, antropomorfizadas e/ou não ambivalentes. O que se encontra de facto são relações, relações que se conjugam principalmente sob dois verbos, “renascer” e “aparecer”. Algo que é agido e/ou relacionado por um outro algo que à partida lhe seria oposto. Concentrações de contrários, síntese de extremos,

milagres e uniões que parecem exigir uma imprevisibilidade de excesso no excessivo, um adentrar daquilo que já está dentro de tudo.

A Saudade em causa conota assim relações inesperadas, contrárias e mesmo contraditórias, que continuamente renascem e continuamente aparecem. Renascendo, não se repetem. São novas, novíssimas de facto: quebram (é suposto quebrarem) a continuidade do tempo que se mede, que se conta. Nos únicos momentos em que os polos de uma das relações são figurados com alguma concretude, a própria relação nunca o é, não encontramos o masculino (como em Jeová, Orfeu, Apolo) mas sim Vénus e a Virgem conjuntas, e positivamente valoradas se conjuntas. Numa valoração negativa encontramos a figura mãe que não reconhece o filho. Assim sendo, não figuração, relação de contrários e de aparente contradição, e o feminino, todo o feminino, moveram a nossa pesquisa.

Um terceiro verbo nos indicou assim o caminho, o verbo “reconhecer”. Reconhecer algo tão próximo que mesmo alheado não é nunca completamente um outro. Reconhece-se conhecendo de novo uma segunda vez. Como a mãe, que já esteve grávida do saber, que já o deu à luz, mas que não o reconhece: maiêutica carnal, cujos filhos não são, como os do parturiente Sócrates, apenas espirituais. A transmissão é pois dupla. A do carnal vivido, da terra, de uma paisagem concreta nos seus detalhes concretos de sabores, cheiros, tatos, uma paisagem onde se nasceu e que se fez nascer. E a do que será o presente futuro da criança, de todas as suas máximas e universais possibilidades (cf “Homem Universal”). Para lá do dizível e do pensável.

Para Pascoaes, num momento mais perto do seu fim, também a Origem será dupla, uma Primeira, e uma Segunda. Sendo esta segunda vez sempre nova e sendo claro que não será a Renascença conseguida nem apenas por mera ciência nem apenas por meros artifícios, que ainda assim se deve cumprir no tempo das repetições, da máquina, do autómato, o que nos sobrava no trabalho? O excessivamente pedir o novo de novo. O adentrar novamente. Sobrou-nos a repetição que se renova, invocando o reconhecimento daquilo que se quer adentrar como Eterna Renascença. Uma presença que se apareça e que se reconheça, pressentida e esperada apenas porque já é sentida.

Não conseguimos aqui deixar de pensar no Deus de Sampaio Bruno, onisciente, mas não mais do que apenas onisciente. Para o que Pascoaes pede, e o que nos interessou, onisciências não são o que merece relevo. Exatamente porque são “omni”, demasiado panorâmicas, demasiado gerais, demasiado englobantes. O trabalho teria que ser feito de detalhes. O “Homem Universal” não é o homem panorâmico. Se houver um divino, um céu, que mereça a pena, será o desta e daquela matérias espiritualizadas, no particular. Desta e daquela matérias a dançar, em paroxismo e apoteoses, em “perpétua primavera”. Desta e daquela matérias em perpétua transubstanciação: “Know what is in front of your face, and what is hidden from you will be disclosed to you. For there is nothing hidden that will not be revealed. And there is nothing buried that will not be raised.”

Conseguimos ainda traçar na “Eterna Renascença” uma confrontação em diálogo com o “Eterno Retorno” de Nietzsche. Com a própria escrita de Nietzsche no que esta tem de poética, de não referencial, de estilo vincado. Subsequentemente, com o fim da Teologia, a morte de Deus, o advento do Anticristo (pense-se a este respeito no que pode significar o “Poema do Menino Jesus” de Pessoa), a Criança do “Eu Quero”, mesmo a presença de um nome outro, “Zaratustra”. É o verbo da poesia, sem dúvida, mas também o do misticismo, do esoterismo, da gnose, e do profetismo. Um verbo de anunciações que vive de excessos e de formas simultaneamente muito trabalhadas e muito obscuras. Um “Verbo Escuro”.

Mais, a ordem discursiva deste texto não pertence a categorias analisáveis com recurso aos instrumentos dramaturgicos mais familiares. A semiótica que o poderia destrinçar num ato performativo corre por outras águas. Luciferinas, de Vénus, da Estrela da Manhã, do Sol da Meia Noite, do “Bailado das Sombras”. Os Nomes Outros que Pascoaes escolhe para si (como o Zaratustra era para Nietzsche) são “Marânus”, e “Pascoaes”. Nomes Outros para o mesmo referente. Não heterónimos. Onde Pessoa se multiplica, Pascoaes se condensa. Num deles a Montanha, o local mais alto de onde Zaratustra desceu e onde Pascoaes habita. Átrio de sátiros e de faunos, “viçoso vale” que se ergue, de danças pagãs, de contacto entre anjos cálidos e humanos, rezam as lendas. No outro, mais do que o nome de um solar, teremos Páscoa, Pentecostes, Línguas de Fogo, Rapto, a Presença e a Parousia. É entre estes dois polos, na sua relação e conjugação, que a criação se desenvolveu.

Mas é uma possibilidade aplicar o texto à situação política concreta. Pascoaes diz-nos que a República (atente-se nas representações figurativas femininas que o imaginário popular lhe deu) se iria tornar Medeia. Que a “Mátria” (usando uma expressão de Natália Correia), esse carnal vivo, está a ser ignorado e mal amado. Filhos não reconhecem a Mãe e mães não reconhecem os Filhos. Que os Pais da República se alheiam em delírios longe desse agora que é sempre novo mas que sempre aqui está em sabores, cheiros, tatos, sentimentos, lembranças e impressões. Esta é uma boa descrição de quase todas as revoluções que se deformam. Segue-se quase sempre o terror ou, para ser coerente com o texto, a Queda. São revoluções de superfície, que não descem. Comem os seus filhos. Esgotam-se. Isto na peça é claro, embora nunca literal.

Uma Queda similar ocorreu, no tempo, com a própria Saudade, deturpado o que Pascoaes nela via, feita saudosismo revivalista quando não equiparada a fascismos, a conservadorismos, a tiranias, a racismos. Verdade é que alguns dos termos que Pascoaes usa acabaram por envelhecer mal na cronologia das décadas: “Raça”, “Povo”, “Nacionalismo”. Mas, se os textos não bastassem, e bastam, a prática pedagógica e editorial da Renascença Portuguesa, os testemunhos das mais diversas proveniências quanto à convivência e à personalidade de Pascoaes e a sua própria biografia, bastariam para revelar que tais apropriações são infundadas. Negam-nas ainda mais se comparadas com as de outras figuras que, em Portugal e não só, merecem de facto as conotações negativas que hoje se podem associar aos termos em causa, nas teorias disseminadas e nas ações que delas resultaram.

Dentro do infundado, há um que merece particular atenção rebater, e com que tivemos por isso cuidado: o de enquadrar Pascoaes em movimentos de revivalismo da Tradição associados ao esoterismo tradicionalista. Como os de Julius Evola e de René Guenon ou mesmo Rosenberg na Alemanha. Mas as cisões são inúmeras. No exotérico, não há nenhum tipo de militarismo em Pascoaes e a sua biografia e ações separam-no imediatamente dos três autores que refiro. No esotérico e mais profícuo para o que nos interessou, os movimentos em causa fazem

no geral apelo ao cristalizar de um passado, a um virar para trás o rosto sob o chapéu dessa figura mítica da Tradição. É suficiente para os refutar termos presente que a Saudade de Pascoaes é “Saudade do Futuro”. Não é Saudade do Passado.

Este ponto acima é, e foi, crucial. Confundir Pascoaes por um apologetico da regressão seria na realidade confundir tudo. Seria, como poderia dizer Leonardo Coimbra, “coisificar” ao extremo e, para mais, “coisificar” às arrecuas. Permanecer. Estatizar. Imobilizar. O renascer da Infância não é nem regresso ao infantilismo nem a fixação num fetichismo tradicionalista e conservador. É a primavera celebrada, que nos acossa na “leda e triste madrugada”, que vai “formosa”, que vai “descalça”, e que não vai “segura”. Não vai segura, nem a nada se segura, o que ficou perfeitamente expresso na criação.

Assim, na criação “O Céu é apenas um disfarce azul do Inferno”, partindo de Pascoaes (do texto que refiro, do poema “Trevas”, e de toda a obra), trabalhamos sobre visões, representações, e heresias, que Céu e Inferno, Demoníaco e Angélico, assumiram na Cultura Portuguesa. Sob o signo da relação: carnal, conceptual, poética, da dança, da queda, da transubstanciação. Sob o signo do “amor carnal espiritualizado pela dor”.

Da Cultura Portuguesa porque a consanguinidade relacional entre Deus e Diabo, Angélico e Demoníaco, que é marca da poética e dos desenhos de Pascoaes, vemo-la também no «Físico Prodigioso» de Jorge de Sena, em poemas de A. Caeiro, em «Entre Deus e o Diabo» de José Régio («Cântico negro»). E em muitas obras em que a Arte, a Filosofia, e Poesia Portuguesas lhe respondem, a reclamam para si, e a querem solucionar com textos de carne e de amor e de perda, como o “Marânus” do mesmo Pascoaes, ou mesmo os “Diálogos de Amor” de Leão Hebreu. Vemo-la em práticas de insaciabilidade inconformadas com um ou outro dos polos da dicotomia, uma simultânea aspiração a tudo e a nada, à loucura que se tem e sente, sem que se a consiga “saber”. Práticas de “Histórias do Futuro”, de “Saudades do Futuro”. Marcas de uma certa insaciabilidade que se foi germinando pelo Portugal que o era nos cinco continentes, distante do Poder, apesar de a muitos convir escondê-lo. Sempre perto da crítica, da ironia, do sarcasmo e do carnal, espiritualizado ou não.

Veja-se como morreu Camões, e a sua Ilha dos Amores. Veja-se o Bocage que escreve “Amor a Amor nos convida” (com o bem e com o mal, diz), e as poesias Eróticas Satíricas e Burlescas, no seu carnaval de lesbianismos, quase coprofagia, e procissões de negros (um quase infernal na altura) bem dotados e em constante cópula voraz. Não é marca de uma geografia, ainda que em Pascoaes as montanhas, as árvores e as rochas sejam Mãe (terra que “mama” do céu). Encontramos ainda esta mesma dicotomia, de disfarce em disfarce, no “Viva o Povo Brasileiro” de João Ubaldo Ribeiro. O mais negro da demonização do outro e da sua exclusão: o angélico de uns metamorfoseia-se no demoníaco a reprimir. Foi-nos forçoso lembrar inquisições, perseguições, colonizações, cárceres. Bem como o sincretismo corporal das culturas africanas de possessão, culturas de resistência às sentenças de infernal.

Com esta criação quisemos recuperar estes céus e infernos, de disfarces em disfarces, num fluxo constante de dissolução de fronteiras e livre circulação de pulsões. Os conceitos de “Caótico” (a partir de Deleuze) e de “Id” (a partir de Freud), surgiram ainda como ferramentas extras a trabalhar e assimilar. Para que se lidassem vibrações, velocidades, intensidades, sensações, choques: o Caótico como criador de forças contrárias que se alimentam de resíduos reprimidos. De céu, e de inferno.

Termino com o nosso obrigado a toda a equipa artística/científica e a todos os parceiros que financiaram, apoiaram e acolheram o projeto “O Céu é apenas um disfarce azul do inferno”.